

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE**

**CURSO DE PSICOLOGIA**

**MARIA CLARA GIANNINI DA COSTA PINTO**

**O QUE ENVOLVE A ESCUTA PSICANALÍTICA PENSANDO EM PACIENTES  
SURDOS**

**SÃO PAULO**

**2024**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE**

**CURSO DE PSICOLOGIA**

**MARIA CLARA GIANNINI DA COSTA PINTO**

**O QUE ENVOLVE A ESCUTA PSICANALÍTICA PENSANDO EM PACIENTES  
SURDOS**

Trabalho de Conclusão de Curso como  
exigência parcial para a graduação no  
Curso de Psicologia sob orientação da  
Prof.<sup>a</sup> Solange Aparecida Emilio.

**SÃO PAULO**

**2024**

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora que me guiou durante todo o processo e desenvolvimento desse trabalho,

À minha família e amigos que me apoiaram durante a pesquisa e

Ao meu amor que me incentivou sempre com muito carinho.

## **RESUMO**

Considerando a linguagem, a palavra e a fala como pontos fundamentais, permeadores e norteadores de toda a prática e teoria psicanalítica, esse trabalho tem como objetivo compreender o que compõe a escuta de um analista considerando um analisando surdo. Isso envolve pensar como se estruturaria o sujeito psíquico por meio de uma linguagem não verbal, como a Libras (Língua Brasileira de Sinais), e como podem se dar as manifestações inconscientes por meio de uma língua visuo-espacial. Pensando que, principalmente a teoria lacaniana, toma como base o fato de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Pensando em outro desdobramento desse questionamento, tentar entender quais seriam as diferenças entre pessoas com surdez pré-linguística, ou seja, que nasceram surdas e nunca entraram em contato com o mundo oral, e pessoas com surdez pós-linguística, ou seja, já estavam inseridos na linguagem oral antes de perderem a audição. Essa pesquisa será teórica e se dará por meio da discussão de teorias, referências bibliográficas e estudos já feitos nessa área, discutindo e fazendo paralelos entre a teoria psicanalítica que é pautada na fala e linguagem e o mundo dos surdos, que utiliza uma linguagem não verbal.

### **Palavras-chave:**

Libras - Surdez - Linguagem - Inconsciente - Setting analítico

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	6
1.1 LÍNGUA DE SINAIS E LINGUAGEM .....	7
1.2 PSICANÁLISE E LIBRAS? .....	9
1.3 ESCUTA PSICANALÍTICA - SETTING ANALÍTICO .....	10
1.4 SURDEZ PRÉ-LINGUÍSTICA - DESDOBRAMENTOS .....	11
1.5 LINGUAGEM .....	12
<b>2. OBJETIVO GERAL</b> .....	14
<b>3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b> .....	14
<b>4. MÉTODO</b> .....	15
<b>5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS</b> .....	17
5.1 SOBRE A PRÁTICA PSICANALÍTICA - IMPLICAÇÕES OU COMPLICAÇÕES? ...	20
5.2 A ESCUTA PSICANALÍTICA - O PROCESSO TERAPÊUTICO .....	22
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	26
<b>7. REFERÊNCIAS</b> .....	27

## 1. INTRODUÇÃO

Quando comecei a estudar Libras, uma língua não verbal, e toda sua estrutura e especificidades, logo pensei como se aplicaria a prática e a teoria psicanalítica em pessoas surdas. Considerando a linguagem, a palavra e a fala como pontos fundamentais e permeadores de toda essa teoria, questionei-me como seria possível aplicá-la na prática, tanto na clínica como em outros contextos, especificamente com pessoas surdas que utilizam a Libras. Minha pergunta inicial foi: como se estruturaria o sujeito psíquico por meio de uma língua não verbal, como a Libras (Língua Brasileira de Sinais)? E logo depois, como se dariam as manifestações inconscientes tais como atos falhos, chistes, sonhos, etc?

Por serem perguntas complexas e abrangentes, escolho aqui me debruçar mais especificamente sobre a linguagem na teoria psicanalítica e como podemos pensar sobre ela no mundo dos surdos, pensando então o que compõe a escuta clínica de pessoas surdas. Pensar em como seria estruturado o inconsciente a partir de uma linguagem não verbal envolve pensar na constituição de um sujeito com surdez e em seguida organizar as especificidades que incidem sobre esse sujeito e os efeitos dessa diferença na construção de sua subjetividade. Fundamental também retomarmos a importância do lugar do Outro nesse processo de constituição, uma vez que a linguagem não se dá por uma passagem natural ou maturativa. Assumir o lugar de um sujeito portador de uma língua só se pode dar se um Outro o inscreve nessa posição, que lhe permite então circular pelos significantes que lhe serão conferidos. Na criança surda o reconhecimento da surdez deverá atravessar esse Outro que exerce função materna para receber um novo recorte pulsional do corpo, a gestualidade, para então se apropriar de uma nova forma de linguagem que presentifica certo domínio sobre os sentidos/significados (Rafaeli, 2004).

A Libras é uma língua gestual visual, que funciona e existe através do corpo, utilizando sinais que envolvem 5 padrões linguísticos: configuração de mão, pontos de articulação, orientação de mão, movimento e expressões faciais. Utilizo aqui um viés da luta da comunidade surda que olha para a surdez como modo legítimo e radical de existência, e não como uma deficiência ou uma condição a ser consertada. Como coloca Marques (2008, p.71)

Se o corpo é capaz de superar limitações através da construção de outras significações, então não há porquê de considerá-lo “deficiente”, uma vez que, modificando-se, supre

as necessidades ditas “faltantes”, reagindo de forma diferente em relação ao meio. Então já não se trata de um corpo deficiente, mas de um corpo diferente.

Além disso, pensando de maneira prática e dentro do contexto e cenário brasileiro, cerca de 5% da população é surda, e apenas parte dessas pessoas utilizam Libras no dia a dia. De acordo com o IBGE, esse número representa 10 milhões de pessoas, sendo que 2,7 milhões têm surdez total. Quando falamos em educação, a população surda se enquadra em porcentagem muito baixas de formação. Segundo o estudo feito pelo Instituto Locomotiva e a Semana da Acessibilidade Surda em 2019, cerca de 7% dos surdos brasileiros têm ensino superior completo, enquanto 32% não têm nenhum grau de instrução. SACKS (1998, p.19) destaca a importância da linguagem para o ser humano dizendo:

Ser deficiente na linguagem, para um ser humano, é uma das calamidades mais terríveis, porque é apenas por meio da língua que entramos plenamente em nosso estado e cultura humanos, que nos comunicamos livremente com nossos semelhantes, adquirimos e compartilhamos informações. Se não pudermos fazer isso, ficaremos incapacitados e isolados, de um modo bizarro.

## 1.1 LÍNGUA DE SINAIS E LINGUAGEM

Lacan (1955-6) formula que o inconsciente é, em seu fundo, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem, ideia que foi condensada na máxima lacaniana “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”. E quando pensamos nessa máxima lacaniana, me questiono aqui em como isso se daria em surdos pré-linguísticos, ou seja, surdos que nasceram surdos e não tiveram contato com a língua oral. Segundo Quadros (1997) a associação da língua com a fala provocou um dos grandes equívocos que se encontra na história sobre a surdez, pois reduziu o conceito de língua à dimensão da oralidade e a associação de linguagem como pré-requisito para o pensamento. Até mesmo durante o percurso histórico das línguas de sinais, a

Psicologia muitas vezes desconsiderou outra modalidade de língua que não a oral, como coloca Dalcin (2005), a língua de sinais segundo a psicologia era uma modalidade de comunicação insuficiente e transitória que a criança utilizava antes de dominar as palavras. Um conjunto de sinais quase instintivos descritos como uma ‘mímica’, ‘comunicação inferior’, ‘gestos bobos’, sinais imediatos e universais parecidos com a linguagem dos homens pré-históricos do início da humanidade. Eram então gestos que apenas tentavam imitar aspectos visuais da realidade.

Com o tempo, essa visão estigmatizada dos surdos e da surdez vai mudando e dando espaço para outras concepções, desse modo entendemos que a língua de sinais vai para além de um meio de comunicação, envolvendo também uma cultura, repertório de conhecimentos culturais, um símbolo de uma identidade social, com seus valores e costumes, como qualquer outra língua. Por isso a importância da língua de sinais para um sujeito surdo e para a construção de sua identidade e de sua subjetividade. A comunidade surda passa a ser vista como um grupo linguístico minoritário e não como deficientes na linguagem e na comunicação.

Importante destacar também que as línguas de sinais têm seu funcionamento e estrutura como qualquer outra língua, são línguas completas e possuem características morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas. Possuem um vocabulário específico, uma estrutura gramatical própria, obedecem a regras de construção das palavras e frases e possuem variações linguísticas regionais. Possuem até mesmo sotaque, sendo perceptível o nível de fluência, em casos de pessoas que aprenderam a língua mais tarde, por exemplo, em pessoas ouvintes.

Diante disso, podemos afirmar então que a língua de sinais, nesse caso mais específico, a Libras, é uma língua natural e completa, sendo a primeira língua para os surdos, que possuem a língua oral como segunda língua. Behares (1986, p.134) acaba definindo um grupo de surdos por “... um grupo social organizado em torno de uma experiência comum a partir do qual lhes é possível construir uma representação do grupo e, portanto, uma identidade. [...] a particularidade mais marcante dos surdos no contexto desses outros grupos é a sua relação com uma língua grupal diferenciada”.

A teoria psicanalítica não previu especificamente o trabalho com pessoas surdas e suas peculiaridades, Lacan (1957) coloca em seu texto “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, que o sujeito, se pode parecer servo da linguagem, o é ainda mais de um discurso em cujo movimento universal seu lugar já está inscrito em seu nascimento, nem que seja sob a forma de seu nome próprio. O português escrito, principalmente para surdos não oralizados, não significa nada, são apenas letras, ou melhor dizendo, desenhos. Aprender Português escrito é como aprender outra língua, lembrando também que Libras não é português



sinalizado. Como exemplo mais prático e concreto dessa experiência de um sujeito surdo e sua construção de identidade, temos o relato de Emmanuelle Laborit (2000, p.37), atriz surda:

Para aqueles que nasceram com o nome próprio na cabeça, um nome que mamãe e papai repetiram, para quem se habituou a virar a cabeça ao chamado de seu próprio nome, é talvez difícil de entender. Sua identidade está dada desde o nascimento. Não têm necessidade de pensar nela, não se questionam sobre si mesmos. São “eu”, naturalmente, sem esforço. Eles se conhecem, se identificam, se apresentam aos outros com um símbolo que os representa. Mas a Emmanuelle surda não sabia que ela era “eu”. Descobriu isso com a língua de sinais, e agora ela sabe. Emmanuelle pode dizer: “Eu me chamo Emmanuelle”.

## 1.2 PSICANÁLISE E LIBRAS?

Se a prática psicanalítica se utiliza da língua e da linguagem, considerando a Libras - e línguas de sinais no geral - como uma língua em si, completa, podemos considerar então que a prática psicanalítica pode se dar por meio dessas. É claro que outras questões entram em jogo, como por exemplo, como se daria a transferência entre um analista ouvinte e um analisando surdo? E, ao mesmo tempo, importante lembrar que o “campo da fala”, em psicanálise, não está reduzido à dimensão acústica da língua, como explicita Solé (2005). Ressaltando também o perigo de olharmos para a surdez e a língua de sinais apenas como um instrumento e um código que pode favorecer a comunicação e a integração e não como uma língua capaz de desenvolver cognitivamente e construir subjetivamente.

É de fato um campo ainda pouco explorado e por isso a importância de pesquisarmos sobre isso, como coloca Solé (2005) em seu livro, justamente enfatizando a falta de pesquisas e estudos dessa área

A constituição do Eu de pessoas incapazes de ouvir ou falar não é uma questão pensada pelos grandes teóricos da psicanálise; alguns deles apontam, em suas teorizações, para esta problemática e, como também fizeram os filósofos gregos, usam os sujeitos surdos como contraponto para enfatizar suas teorias ou apontam a surdez como um caminho de pesquisa (p. 27)

### 1.3 ESCUTA PSICANALÍTICA - SETTING ANALÍTICO

Pensando especificamente sobre o setting analítico ou o “enquadre”, é importante retomar que, apesar de Freud ter elencado elementos e pontos principais para o trabalho do analista, ele nunca os considerou como uma verdade absoluta para todos: “A extraordinária diversidade das constelações psíquicas envolvidas, a plasticidade de todos os processos mentais e a riqueza dos fatores determinantes opõem-se a qualquer mecanização da técnica [...]” (1913, p. 164). O que abre espaço então para pensar nas diferenças e singularidades dos enquadres analíticos dependendo tanto do analista como do analisando.

Desde Freud, escolas psicanalíticas surgiram e, mesmo com suas diferenças, o ponto em comum entre todas é justamente a escuta através da atenção flutuante do analista. Segal em 1967 enfatizou que o aspecto mais importante do enquadre é a atitude do analista e é isto que se expressa através dos aspectos práticos como a disposição do consultório, a frequência e a duração das sessões e todos os outros aspectos constantes do setting. Pensando nos pacientes surdos, a disposição do consultório é um ponto a ser considerado, uma vez que o uso do divã, por exemplo, não faria sentido. É preciso considerar uma disposição confortável para que tanto paciente como analista estejam no campo de visão um do outro.

O enquadre tem uma importância fundamental na construção da análise, mas é importante pensar também que mudanças e ajustes podem ser feitos sem que, com isso, a análise seja menos eficaz ou benéfica. Mas sim com o objetivo de deixar o paciente seguro e confiante para se expressar.

De modo geral, então, é fundamental considerar a escuta psicanalítica para além da dimensão acústica e sonora. A escuta se torna de grande importância na observação das

movimentações transferenciais na sessão não só através da fala do paciente, mas também pela atmosfera criada no setting (Joseph, 1989).

#### 1.4 SURDEZ PRÉ-LINGÜÍSTICA - DESDOBRAMENTOS

A surdez pré-lingüística ou surdez em uma idade muito precoce pode envolver maiores desafios. Crianças pequenas ouvintes estão sempre escutando o que está ao seu redor, conversas de seus pais enquanto brincam, a televisão ligada etc. Crianças surdas não são expostas a conversas e diálogos dessa maneira “passiva” e não intencional. É preciso, primeiramente, que a conversa ocorra em seu campo de visão e que ela seja exposta diretamente ao que está sendo dito. Solé (2005) conta exemplos em seu livro sobre sujeitos surdos, filhos de pais ouvintes, ficaram durante toda sua primeira infância sem o auxílio da língua materna para a inserção no simbólico e para a constituição de uma identificação simbólica, sendo necessário outras vias para que isso ocorresse.

Em seus casos clínicos, Solé (2005) percebeu que muitos dos sintomas de crianças e adolescentes surdos apresentavam – como dificuldade em distinguir certo e errado, explosões de agressividade, baixa resistência à frustração, evitar participar da vida familiar etc - além de estarem relacionados com a representação que os pais possuíam deles ou da ferida narcísica que toda diferença provoca nos pais, estavam também relacionados com a falta da audição da voz nos momentos primeiros da constituição psíquica. Dentro desse cenário, esses sujeitos acabam vivendo uma adolescência prolongada ou uma infância prolongada, devido a essa barreira na constituição subjetiva, consequência da falta de uma língua de sinais ou língua oral. Como exemplifica então Solé (2005, p.26)

Daquilo que fui capaz de escutar na clínica psicanalítica desses sujeitos, seleciono a falta da inserção em uma língua desde o nascimento e a representação que a mãe, principalmente, tem da surdez, considerando também a representação que o pai tem e depois o social como fatores que se tornam um empecilho ao acesso ao simbólico e em decorrência disso resultam os traços depressivos que percebi.

As línguas são um produto das convenções e dos valores sociais, de onde derivam as regras que tornam compreensíveis as intercomunicações dos indivíduos e asseguram a sobrevivência e coesão das sociedades (Lopes, 1997), sem uma língua, no caso de crianças surdas, é extremamente difícil a inserção dentro de um certo conjunto de valores, ideologias, tradições etc. Ao aprender a língua do seu grupo, cada indivíduo assimila também a sua ideologia (sistema de valores grupalmente compartilhados) (Lopes, 1997).

## 1.5 LINGUAGEM

Como parte fundamental dessa pesquisa, temos o tópico da língua e da linguagem. Importante também distinguir esses dois termos, que muitas vezes são empregados como sinônimos. Ferdinand Saussure as diferencia no trecho abaixo

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. (Saussure, 2004, p.17)

Colocando em outras palavras (Severo, 2013) diz que enquanto a linguagem é uma faculdade, a língua é aquilo que permite o exercício de tal faculdade. Ou seja, o exercício da linguagem repousa numa faculdade que nos é dada pela Natureza, ao passo que a língua constitui algo adquirido e convencional (Saussure, 2004). O linguista genebrino ainda atribui à língua o papel de organizadora do pensamento, nos mostrando mais uma vez a importância de estudos mais aprofundados sobre línguas não verbais e o acesso a elas.

Ainda no âmbito do pensamento, Libras muitas vezes parece ficar nesse não-lugar, entre o que seria de fato considerado uma língua e o que seria uma linguagem artística, por exemplo, com função estética e também como forma de expressão do pensamento. Será que apenas a língua é a pura expressão do pensamento? Lopes (1997, p.16) explicita a relação entre pessoas e o papel do pensamento nessa relação:

Assim como a relação entre o homem e o mundo vem mediatizada pelo pensamento, a relação entre um homem e outro homem, dentro de uma sociedade, vem mediatizada pelos signos. Para que o pensamento transite de uma para outra subjetividade, deve ele formalizar-se em signos. Os signos são, por um lado, suportes exteriores e materiais da comunicação entre as pessoas e, por outro lado, são o meio pelo qual se exprime a relação entre o homem e o mundo que o cerca.

Tendo em vista o exposto acima, retomo a importância de se realizarem estudos e pesquisas nessa área. Meu objetivo aqui é entender como se daria a escuta psicanalítica com pacientes surdos, pensando em como se estruturaria o setting analítico e os atravessamentos entre a teoria psicanalítica e a Língua Brasileira de Sinais, Libras. Tomo como base e ponto de partida que a surdez é uma condição legítima de existência, e não uma condição a ser consertada. Além do fato de Libras ser uma língua natural e completa, com estrutura e gramática próprias, e não um meio de comunicação rudimentar feito por meio de gestos.

## **2. OBJETIVO GERAL**

Entender como se dá a escuta psicanalítica de pacientes surdos.

## **3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Entender os paralelos e atravessamentos entre a clínica psicanalítica e a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Verificar como o analista compreende seu analisando e de que modo se estrutura o setting analítico. Identificar como se dão as manifestações inconscientes por meio de uma língua não verbal.

#### 4. MÉTODO

Essa pesquisa é uma revisão bibliográfica do tipo revisão integrativa. Esse método se caracteriza pela reunião e síntese de resultados de estudos acerca de determinado tema ou objeto, de forma sistemática e ordenada (Botelho et al., 2011; Mendes et al., 2008). Esse tipo de pesquisa abrange maiores possibilidades de estudo e de suas finalidades, considerando definição de conceitos, revisão de teorias ou análise metodológica e possibilitando a combinação entre resultados de estudos teóricos ou empíricos.

A pesquisa conta com artigos, livros e teses, encontradas nas bases de dados Google Acadêmico e Scientific Electronic Library Online (SciELO), nacionais e escritos em português. Dentre todas as publicações que selecionei, foi dada preferência para artigos e teses publicados depois do ano 2000. Como critério de exclusão, todos os materiais que não utilizam a teoria psicanalítica como teoria norteadora foram descartados.

Para chegar aos textos escolhidos, utilizei a combinação dos termos “surdez, linguagem, psicanálise, clínica, escuta”, combinados da seguinte forma: “surdez AND psicanálise”; “surdez AND psicanálise AND escuta”; “psicanálise AND linguagem AND e clínica”; “psicanálise AND libras”. Com essa busca, a primeira seleção foi feita apenas pelo título dos trabalhos. Após esse primeiro filtro, a seleção foi feita a partir da leitura dos resumos, chegando então em 10 referências. Na leitura dos resumos, foram considerados alguns pontos: se o artigo tinha como um dos focos a surdez e mais especificamente a Libras e se trabalhava com a teoria psicanalítica, abordando também a questão da escuta e do setting analítico na clínica. Depois de selecionados, organizei os artigos em uma tabela, com título, resumo, o que objetivavam, e o que é falado sobre escuta - se esse conceito aparece - e como é relacionado com a língua brasileira de sinais. Utilizando tanto artigos teóricos como estudos de caso. Critério de exclusão - nenhuma referência a surdez, setting analítico ou a escuta psicanalítica.

Realizei então uma análise de conteúdo das informações coletadas, análise fundamentada na noção temática dos dados levantados. A análise temática envolve a busca a partir de um conjunto de dados, seja originário de entrevistas, grupos focais ou de uma série de textos, a fim de encontrar os padrões repetidos de significado (Rosa e Mackedanz, 2021). (Braun e Clarke (2006) descrevem que a análise envolve um constante movimento para frente e para trás pelo conjunto de dados, ou seja, pelo que se está analisando dos extratos codificados ou já produzindo a partir da análise.

Esse tipo de pesquisa se baseia na determinação de núcleos de sentido que compõem os artigos selecionados que significam e contribuem para o objetivo visado (Minayo, 2013). Por meio desse caminho, pretendo responder às minhas questões iniciais, focando no aspecto da escuta dentro da clínica psicanalítica com pessoas surdas, buscando compreender o que já foi feito e dito sobre esse tema.



## 5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

A seguir os materiais utilizados para realizar essa pesquisa

<b>Nome do artigo</b>	<b>Tipo de publicação</b>	<b>Principais pontos abordados</b>
Um estranho no ninho: um estudo psicanalítico sobre a constituição da subjetividade do sujeito surdo. (Gladis Dalcin, 2005)	Mestrado	Discute a problemática dos surdos pré-linguísticos com diagnóstico de surdez profunda, filhos de pais ouvintes, que tiveram contato com a comunidade surda e com a língua de sinais a partir da adolescência.
O inconsciente e a língua de sinais: a (não) exclusividade da dimensão sonora na constituição do sujeito. (Marcelo Wagner de Lima e Sousa, 2021)	Doutorado	Investigar a dimensão sonora na constituição de pessoas surdas a partir do reconhecimento da língua de sinais como meio de expressão das formações do inconsciente.
A clínica psicanalítica com surdos: percepção e manejo da contratransferência na experiência de psicanalistas. (Gabriela Hipolito Tioma, 2021)	TCC	Compreender como é percebida e manejada a contratransferência na experiência de psicanalistas que atendem ou já atenderam surdos em clínica.
A escuta de sujeitos surdos na clínica psicanalítica. (Marcella de Paula Almeida, Priscilla Melo Ribeiro de Lima e Susie Amâncio Gonçalves de Roure, 2020)	Artigo em revista	Compreender as especificidades que a surdez pode trazer ao longo do processo de constituição psíquica e como o manejo da técnica psicanalítica pode ser

		uma via de voz para esses sujeitos silenciados e marginalizados - papel político na sociedade.
Psicanálise e surdez: estudo longitudinal sobre modelos representacionais e suas pesquisas clínico-teóricas. (Caroline Coelho Vieira e Nadja Nara Barbosa Pinheiro, 2021)	Artigo em revista	O trabalho justifica o Estatuto Linguístico da Língua de Sinais, o qual sustenta o trabalho clínico-psicanalítico com esses pacientes. Três principais eixos: surdez e construção de subjetividade; efeitos do diagnóstico da surdez sobre os genitores e o trabalho clínico-psicanalítico com a surdez.
Psicoterapia psicanalítica com pacientes surdos: um estudo qualitativo sobre características e adaptações técnicas da prática. (Juliana Porto Torres das Neves, 2018)	Mestrado	Descrever características e adaptações técnicas que caracterizam o atendimento em psicoterapia psicanalítica
A voz na surdez. (Viviane Espírito Santo dos Santos e Heloisa Caldas, 2018)	Artigo em revista	Destaca-se que a linguagem não é apenas vocalização, pensando então na dimensão àfona da voz. Foram abordados esses aspectos em relação à constituição de sujeitos surdos e como forma de colaborar para pensar as particularidades na clínica

		em atendimentos psicanalíticos.
A psicanálise realizada em Libras: demandas e desafios da clínica com pacientes surdos. (Danillo Jorge Escorcio Halabe, 2018)	Doutorado	A importância da análise com surdos ser realizada em Libras, já que essa língua possibilita uma melhor expressão de seus sentimentos. Além da participação do analista na cultura surda como um todo. Foram realizadas entrevistas com surdos, intérpretes e analistas. Foram levantadas as problemáticas enfrentadas pelos analistas.
Psicologia bilíngue: observações psicanalíticas sobre o uso da língua por sujeitos surdos. (Klean Alex Fonseca de Carvalho e Renata de Fatima Gonçalves, 2022)	Artigo em revista	Relação dos Surdos com a Linguagem, qual a relação das suas interações com o mundo ouvinte. Introduzir a importância de uma psicanálise bilíngue.
A clínica psicanalítica com surdos: uma “escuta” dos psicanalistas. (Jacson Balduino Silva e Lílían Cordeiro Maciel, 2024)	Artigo em revista	Como os psicanalistas trabalham em sua prática clínica com pessoas surdas - existe uma ausência na formação dos analistas de discussões sobre Libras e o atendimento de pessoas surdas.

### 5.1 SOBRE A PRÁTICA PSICANALÍTICA - IMPLICAÇÕES OU COMPLICAÇÕES?

Afinal, a teoria psicanalítica possui condições de sustentar um processo terapêutico através de uma escuta do inconsciente por meio de uma língua não verbal? A discussão sobre incorporar, ou não, as línguas de sinais como meio de escuta do inconsciente nos traz questões sobre a dimensão sonora/fônica do inconsciente e se isso mostraria e traria uma limitação da teoria ou uma validação da mesma, ou seja, sobre a exclusividade (ou não) da dimensão sonora na constituição do sujeito. Para Souza (2021, p.80), falar não se caracteriza apenas pela dimensão sonora da palavra:

O caminho que percorremos até o momento, nos permite afirmar que sim: as expressões gestuais articuladas pelas pessoas surdas se caracterizam em uma fala. Afinal, esta forma de expressão demonstra possuir um sistema linguístico que emerge e se organiza para além da sonoridade. Diante desta premissa, continuaremos no caminho de definir a expressão verbal de uma pessoa surda, enquanto uma fala que também possibilitaria a escuta do inconsciente.

Todos os materiais selecionados para essa pesquisa postulam a viabilidade do atendimento psicanalítico por meio da Libras, mas sem deixar de lado alguns cuidados necessários, uma vez que é uma prática que ainda está sendo construída e estudada. Segundo Neves, Zatti e Freitas (2019), o trabalho psicanalítico com surdos ainda é um recurso que está se construindo e é pouco conhecido por muitos profissionais, carecendo também de mais pesquisas e publicações para desenvolver. Porém, é viável e efetiva, já que a escuta terapêutica ultrapassa os limites do “ouvível” (Tioma, 2021). Ainda nesse sentido, de que a análise ultrapassa a dimensão fônica, ultrapassa as palavras, sejam elas ditas em Libras ou em português, além de possuir um sentido singular para cada paciente, dependendo de sua demanda e de seu contexto, Souza (2021, p.234) coloca

Neste momento, que localizamos a partir do Seminário XVIII, Lacan faz o uso da literatura, referenciando principalmente a poesia como modo de tratar a análise em sua dimensão poética, o que significa reconhecer que tal qual o poema em que as palavras não se esgotam, mas ecoam significações distintas, uma análise também ressoa para além das palavras. Uma análise, não coloca em jogo apenas as palavras, mas algo além, que se refere à dimensão do gozo, à dimensão do real.

Lacan coloca que “para além dessa fala, é toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente” considerando então, que não é apenas no nível da fala que o processo psicanalítico mostra seu valor. Além disso, Lacan não afirma que o inconsciente é estruturado como uma linguagem verbal, é só a linguagem. O autor também apresenta que devemos acrescentar outro elemento para melhor entendermos a relação do inconsciente com a linguagem: o conceito de letra. Para ele é “o suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem” (Lacan, 1998, p.498). Como explica Halabe (2018, p.59):

Para Lacan, antes de a linguagem ser particular de cada sujeito e importar na construção de sua psique, ela preexiste na cultura. Então, podemos indicar uma concepção ternária da condição humana em relação à linguagem, ligada à natureza, sociedade e cultura. Natureza no sentido de que há uma capacidade inata no ser humano para compreender e trabalhar com a linguagem: o cérebro e os órgãos do sentido parecem contribuir para essa concepção.

A maior complicação se dá, então, não por parte da teoria em si, mas pela falta de estudos e conhecimentos sobre a própria língua de sinais e por certas leituras feitas da teoria, que a limitam. Não é a materialidade linguística que é essencial, mas, os aspectos estruturais presentes no reconhecimento das formações do inconsciente, das invariantes estruturais que

podem ser localizadas através dos enunciados articulados em línguas orais ou em línguas de sinais (Sousa, 2021).

Almeida, Lima e Roure (2020) afirmam que o analista desconhecer a Língua de Sinais inviabiliza o processo analítico, pois não há possibilidade de uma escuta efetiva e nem de elaboração do sofrimento do sujeito surdo. Uma análise feita sem o domínio na língua, pode levar ao estabelecimento de uma transferência negativa. A escuta fica extremamente comprometida com a falta de inserção em determinada cultura. O processo analítico só pode ocorrer verdadeiramente se o analista atender em Libras (Halabe, 2018).

Freud (1912, p.236) diz que o psicanalista deve ter uma escuta livre de preconceitos, inclusive teóricos, cabendo ao mesmo escutar livremente onde, só desta maneira deixa-se surpreender pelo inconsciente. A escuta flutuante em contrapartida com a livre associação, implica nessa possibilidade. E, para tal, é fundamental a fluência e entendimento da Língua de Sinais como um todo. A sessão em língua de sinais permite ir além da comunicação. É possível descobrir frases particulares da comunidade surda na língua de sinais e, assim, encontrar significantes para o prosseguimento do trabalho analítico. O que é apresentado, atualizado e inconscientemente repetido. (Jodar, 2012, p. 8).

## 5.2 A ESCUTA PSICANALÍTICA - O PROCESSO TERAPÊUTICO

Pensando especificamente sobre a escuta psicanalítica e o setting analítico, é importante pensar nas peculiaridades e singularidades dos pacientes surdos e fazer adaptações necessárias para que o atendimento e o processo analítico possam acontecer de forma benéfica tanto para o paciente como para o analista. Solé (2005, p.175) afirma que

Para aqueles que entendem que a Psicanálise é uma questão de setting, de técnica, aquela em que a paciente deita-se no divã e diz para o analista; “calado, agora me escuta”, dessa possibilidade de associação livre, diríamos não, não é possível esta Psicanálise com sujeitos surdos. Contudo, para aqueles que pensam que a Psicanálise é reinventada a cada paciente, que é uma pesquisa sustentada por uma ética e escuta, atesto que trabalhar com sujeitos surdos em língua de sinais é possível para uma analista ouvinte, embora ainda seja um desafio a vencer.

É preciso pensar, então, não apenas em outras perspectivas sobre a teoria psicanalítica, mas pensar em como isso se daria na prática de uma análise. Como coloca (Neves, 2018) inicialmente, o discurso e a escuta acontecem por outras vias, que não a da voz e da audição, convidando o profissional a fazer uma possível reconfiguração na tradicional técnica de cura pela fala. O mesmo autor ainda pontua que as alterações no setting dizem respeito não apenas ao ambiente físico, o principal ajustamento acontece no profissional. Para analistas ouvintes, por exemplo, a principal adaptação é aprender um novo idioma. Pensando no ambiente físico, existe a impossibilidade de usar o divã. O paciente surdo precisa estar no campo de visão do analista, caso isso não aconteça, literalmente se perde o que está sendo dito por ele. Ao contrário da análise com pacientes ouvintes, em que o analista não precisa estar no campo de visão, pode estar atrás do divã e de olhos fechados, e ainda assim escutar o que o paciente diz. Na pesquisa feita pelo autor Neves, foram feitas entrevistas com psicanalistas que atendem ou atenderam em Libras, e os participantes comentaram sobre a exigência de uma “atenção mais focada”, justamente em função da fala sinalizada. Mas lembrando e enfatizando também que, para a psicanálise, compreender o inconsciente dos outros vai além do que é falado e que a escuta não é só ouvir.

Outro aspecto interessante pensando em uma análise feita com pacientes surdos é a ocorrência de atos falhos, conceito importante na psicanálise e bastante relevante dentro de um processo terapêutico psicanalítico. Como coloca Lacan no texto “Função da fala e da linguagem em Psicanálise”, todo ato falho é um discurso bem sucedido, ou seja, esses lapsos são, na verdade, um modo de acesso aos conteúdos do inconsciente. Na pesquisa feita por Neves, 2018, os participantes relataram nunca terem pensado sobre e também sobre a dificuldade de se identificar um ato falho na língua, já que é necessário pensar em todos os aspectos do sinal - morfologia, sintaxe -, da frase em que foi dita/sinalizada e do significado em português, que pode ser diferente do significado em Libras, por exemplo. O que traz de volta a importância do conhecimento profundo da língua para o analista.

O exemplo acima mostra também a impossibilidade de se ter um intérprete durante a sessão, uma vez que esse pode corrigir o ato falho perguntando o que ele gostaria de ter dito, além de ser questionável a participação de uma terceira pessoa em um processo tão íntimo e subjetivo. Como coloca Maciel (2024), profissional que chegou a interpretar uma sessão de terapia de sua irmã surda, a pesquisadora se sentiu como uma mediadora da subjetividade do

outro - algo impossível do ponto de vista clínico perpassando a conduta e os silêncios do atendimento. Para Souza, 2021, é no momento do lapso, do esquecimento, do trocadilho, que o sujeito se perde e ao mesmo tempo, se reconhece. Pelas vias do simbólico, isto é, da linguagem, um modo de conseguir se reconhecer enquanto sujeito de desejo. Voltando à citação de Lacan, que diz que todo ato falho é bem sucedido, ele pode ser mal interpretado (Maciel, 2024).

Além do ato falho, existem outras manifestações pelas quais o inconsciente aparece, como por exemplo o não-dito, que nesse caso seria o não-sinalizado. É pelo dito que o analista acessa o não-dito do analisando, em outras palavras, o que não foi verbalizado, signos que constituem sua estrutura profunda (leia-se “inconsciente”) (Maciel, 2024). Para captar e entender tamanha singularidade de uma língua, é preciso estar extremamente confortável com sua estrutura e funcionamento, é necessário fluência.

Ainda é interessante fazer mais um recorte para compreendermos como e quais os impactos e especificidades de uma análise em que as línguas maternas do analista e do paciente são diferentes, como questionam Almeida, Lima e Roure (2020). Pensar que, para além da língua, é também uma outra cultura. Cultura que influencia aspectos da língua, mostrando que existem diferentes sinais para dizer diferentes frases, com regionalismos, sotaques e ainda sinais chamados de “caseiros”, - sinais que são desenvolvidos em casa e utilizados dentro do núcleo familiar, quando a família não sabe Libras.

A maioria das pessoas surdas de pais ouvintes, cresceram não compartilhando da mesma língua da família, ficaram isoladas e excluídas desse código compartilhado por todos, o que inclui tradições, costumes, hábitos e até mesmo lembranças e memórias. É preciso então levar em consideração todos esses aspectos em um atendimento entre ouvinte/surdo, uma vez que a diferença do idioma traz acoplada muitas outras peculiaridades. Dalcin (2005, p.103) comenta sobre

A dimensão da precariedade simbólica a que os surdos ficam submetidos antes de ter contato com a língua de sinais. Isolados no meio familiar, impossibilitados de se apropriar da língua materna - a língua oral - eles não têm condições de compartilhar o mesmo código que a mãe. Em consequência, ficam expostos a graves restrições linguístico-sócio-culturais que acarretam sérias limitações quanto a subjetividade.



Por isso a importância de o método psicanalítico alcançar o surdo, sabendo compartilhar do mesmo idioma e cultura. Jodar, 2012 afirma que saber o idioma é um respeito à condição subjetiva do sujeito surdo. Como coloca Lacan no texto “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”:

A técnica não pode ser compreendida, nem portanto corretamente aplicada, se se desconhece os conceitos que a fundam. Nossa tarefa será demonstrar que esses conceitos não tomam seu sentido pleno senão ao se orientarem num campo de linguagem, senão se ordenarem à função da fala (p.111).

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de todos os dados discutidos e apresentados, é possível afirmar que pensar a surdez na clínica psicanalítica traz diversas reflexões teóricas, sendo um campo ainda bastante incipiente de estudos e pesquisas, mostrando também a necessidade de se desenvolverem esses conhecimentos. Para além disso, é importante colocar que é, sim, possível, o processo terapêutico ocorrer por meio de uma Língua de Sinais. Uma vez que a Língua Brasileira de Sinais é uma língua completa e não uma linguagem, tendo seu funcionamento como outras línguas. A questão é como ampliar a teoria, entender a teoria e colocá-la na prática de um outro modo e tendo como pressuposto para esse movimento a fluência em Libras.

Foi possível perceber a partir das pesquisas utilizadas que é preciso conhecer profundamente a teoria psicanalítica para então aplicá-la nesse contexto de pacientes surdos. Sendo indispensável pensar que a demanda pela análise vinda de pacientes surdos vai para além de sua surdez, fazendo-se necessário considerar esse aspecto em sua constituição, mas não como a única questão que pode ser trazida.

São necessárias adaptações e ajustes ao setting analítico tradicional, sendo fundamental não apenas o aprendizado da língua, mas uma inserção como um todo na cultura e na comunidade surda, para que então os atendimentos sejam realizados de maneira contextualizada e respeitosa com os pacientes. Pacientes esses que muitas vezes são excluídos e isolados em diversos âmbitos de suas vidas.

A prática psicanalítica pode ser então uma importante via para que essas pessoas, sempre marginalizadas, sintam-se acolhidas e escutadas, ampliando a prática clínica e desempenhando um papel político e social bastante significativo. O que nos traz de novo a importância da continuidade e maior aprofundamento de estudos nessa área.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcella de Paula; LIMA, Priscilla Melo Ribeiro de; ROURE, Susie Amâncio Gonçalves de. A escuta de sujeitos surdos na clínica psicanalítica. **Analytica: Revista de Psicanálise**, online, v. 9, n. 17, p. 1-23, 2020.

BEHARES, Luiz Ernesto; PELUSO, Leonardo. A língua materna dos surdos. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n. 6 p. 40-48, 1997.

BEHARES, Luiz Ernesto; PELUSO, Leonardo. **A aquisição da linguagem e interações Mãe Ouvinte – Criança Surda**. In: SEMINÁRIO REPENSANDO A EDUCAÇÃO DA PESSOA SURDA, set. 1996, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Ed. Teatral, 1996. p. 20-36.

Botelho, L. L. R., Cunha, C. A., & Macedo, M. (2011). **O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais**. *Gestão e Sociedade*, 5(11), 121-136.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2. p. 77-101. 2006.

CARVALHO, K. A. F. de; GONÇALVES, R. de F. **Psicologia bilíngue: observações psicanalíticas sobre o uso da língua por sujeitos surdos**. *Cadernos Macambira*, v. 7, n. 3, p. 333–340, 2023.

DALCIN, Gladis. **Um estranho no ninho: um estudo psicanalítico sobre a constituição da subjetividade do sujeito surdo**. 2005. 145 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

ESPÍRITO SANTO DOS SANTOS, V.; CALDAS, H. A voz na surdez. **Psicanálise & Barroco em Revista**, v. 16, n. 2, p. 25–42, 2019.

Freud, S. (1912b/2010). **Recomendações ao médico que pratica a psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (1969). **Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I)**. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de*

*Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Vol. 12, p. 164). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)

HALABE, Danilo Jorge. **A psicanálise realizada em Libras: demandas e desafios da clínica com pacientes surdos**, 2018. 127 p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

JOSEPH, B. **Equilíbrio psíquico e mudança psíquica: artigos selecionados de Betty Joseph**. Rio de Janeiro: Imago, 1992. Originalmente publicado em 1989.

JODAR, M. A. La escucha psicoanalítica con sujetos sordos más allá de la comunicación. **Investigaciones en Psicología**, v. 17, n. 1, p. 45–58, 2012.

LABORIT, Emmanuelle. **O grito da Gaivota**. 2 ed. Lisboa: Editora Caminho, 2000. 148 p.

LACAN (1957-8). **A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud**. In *Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1998.

LACAN (1955-6). **O Seminário, Livro III, As psicoses**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1985.

LOPES, Edward. **Fundamentos da Linguística Contemporânea**. 1 ed. São Paulo: Cultrix, 1997. 352 p.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14 ed. Rio de Janeiro: Hucitec Editora, 2010. 418 p.

MARQUES, Rodrigo Rosso. **A experiência de ser surdo: uma descrição fenomenológica**. 2008. 133 p. Tese (Doutorado em Educação) - Linha Educação e Processos Inclusivos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. C. P., & Galvão, C. M. (2008). **Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem**. *Texto Contexto de Enfermagem*, 17(4), 758-64.

Neves, J.T.P. **Psicoterapia psicanalítica com pacientes surdos: um estudo qualitativo sobre características e adaptações técnicas da prática**, 2018. 78 p. Dissertação (Mestrado em

Psiquiatria e Ciências do Comportamento) – Pós-graduação em Ciências Médicas: Psiquiatria, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

NEVES, J.T.P.; ZATTI, Cleonice. A Psicoterapia Psicanalítica com pessoas surdas: peculiaridades e aproximações. **Brazilian Journal of Psychotherapy**. v. 21 n. 1 p.1-14, 2019.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2004.

SEVERO, R. T. Língua e linguagem como organizadoras do pensamento em Saussure e Benveniste. **Entretextos**. Londrina, v. 13, n. 1, p. 80-96, jan./jun. 2013.

SOUSA, Marcelo Wagner de Lima. **O inconsciente e a língua de sinais: a (não) exclusividade da dimensão sonora na constituição do sujeito**, 2021. 252 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

RAFAELI, Y. **Um estrangeiro em sua casa**. In: **Angela Vorcaro. (Org.). Quem fala na língua? Sobre as psicopatologias da fala**. 1ed. Salvador: Ágalma Psicanálise Editora Ltda, v. 1, p. 285-294, 2004.

ROSA, Liane Serra; MACKEDANZ, Luiz Fernando. A análise temática como metodologia na pesquisa qualitativa em educação em ciências. **Atos de pesquisa em educação**. Blumenau, v. 16 e8574, 2021.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes: Uma viagem ao mundo dos surdos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 201 p.

SEGAL. H. **Melanie Klein's technique**. In: The work of Hanna Segal. New York: Jason Aronson, 1981. Originalmente publicado em 1967.

SEVERO, Renata Trindade. Língua e linguagem como organizadoras do pensamento em Saussure e Benveniste. **Entretextos**, Londrina, v. 13, n. 1, p. 80-96, 2013.

SILVA, LÍlian e BALDOINO, Jacson. **A clínica psicanalítica com surdos: uma “escuta” dos psicanalistas. Saberes: Revista Interdisciplinar de Filosofia e Educação, Caicó, v. 24, n. 1, 2024.**

Solé, M.C.P. **O sujeito surdo e a psicanálise: uma outra via de escuta. 1ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. 186 p.**

Tioma, Gabriela Hipolito. **A clínica psicanalítica com surdos: percepção e manejo da contratransferência na experiência de psicanalistas.** 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Vieira, C. C., & Pinheiro, N. N. B. Psicanálise e surdez: estudo longitudinal sobre seus modelos representacionais e suas pesquisas clínico-teóricas. *Analytica: Revista De Psicanálise*, 10(19), 1–25, 2022.